

Senhor Editor

Bastante oportuna a iniciativa do estimado Dr. Fortuna (Rev Bras Anest, 1984; 34: 222 - 223) cuja carta ao Editor sob o título acima, aborda um problema angustiante, sempre atual e que se nos depara com alguma frequência. Acho válido relatar um caso que assumi há cerca de 15 anos, chamado por um amigo para atender seu irmão, em fase terminal de um cancer abdominal. Seus médicos, um cirurgião e seu clínico, haviam sugerido a colaboração de um anestesista, pelo fato de estarmos mais familiarizados com o uso de drogas fortes.

O paciente era do sexo masculino, contava 42 anos, operado há 6 meses de perfuração intestinal causada por um linfoma. Passou bem durante 4 meses, após o que, seu ventre começou a crescer. Deparei-me com o seguinte quadro em seu apartamento:

“O paciente caminhava de um lado para outro, gemendo e chorando, apoiado nos braços por sua esposa e seu irmão, enquanto sua mãe segurava um cabo de vassoura, do alto do qual pendia um frasco de solução glicosada a 5% contendo 2g de Thionembatal; a mistura estava sendo perfundida em veia do ante-braço, a uma velocidade de 60 gotas por minuto. O barbitúrico havia sido iniciado na véspera, na dose de 500 mg por cada frasco de solução glicosada, e o cirurgião foi concentrando a dose na medida que se instalava a taquifilaxia. Na hora que tomei a responsabilidade do caso (13:00 h), já haviam sido admi-

nistrados 6g de Thionembatal isto é, desde às 07:00 h. A medicação “complementar” era Demerol 100 mg IM de 6/6h, e, Amplictil 25 mg IM de 6/6h no intervalo das injeções de Demerol.

O tumor havia crescido abruptamente nos últimos 10 dias, e atingira a prega da virilha E, dificultando até a flexão da coxa, e o ventre parecia o de uma grávida após o término. O paciente tinha conhecimento de seu diagnóstico.

Reuni seus familiares, todos meus conhecidos, os quais não dormiam há vários dias, e disse-lhes que era muito difícil, naquele caso, delimitar o que seria efeito benéfico de qualquer droga, e sua dose letal, e mais, que o cirurgião vinha tentando sem conseguir a sedação.

Assim que fui autorizado, suspendi toda a medicação e injetei por via intravenosa 1 ml de Fentanil; 15 minutos depois, 1 ml de Droperidol também na veia. Meia hora depois desta última, novamente 1 ml de cada droga com 15 minutos de intervalo; e assim, após a quarta repetição de cada droga, e por volta das 16:00 h, conseguimos levá-lo para a cama, onde continuei com o mesmo esquema. O sono só veio à noite e durou 2 horas. Embora não dormisse o tempo todo, permaneceu no leito. A combinação Fentanil/Droperidol foi repetida mais 6 vezes nas 24 horas seguintes, sendo a última, 12 horas antes do óbito.

Alguns anos mais tarde, sua viúva disse-me que não podia permanecer em minha presença, pois lhe trazia à lembrança as últimas horas de seu marido, e a Covardia

de lhe haver sido Arrancada uma autorização num momento de desespero, fazendo com que ela se sentisse uma cúmplice.

Acredito, Senhor Editor, que a exposição e até discussão de casos semelhantes venham também contribuir para melhor avaliação de condutas, uma vez que em momentos difíceis como aquele, invocar a Lei junto aos parentes e tão somente, seria o mesmo que tirar o corpo fora. Por outro lado, sempre existirá alguém que irá prefe-

rir o sofrimento, desde que o método empregado para o alívio possa antecipar o óbito de seu parente.

Entrementes, gostaria de saber qual o desfecho do caso do aneurisma, mencionado na carta do Dr. Fortuna.

Um abraço.

Natan Treiger  
Rua Senador Vergueiro, 81 - Apto. 203  
Cep 22.230 - Rio de Janeiro, RJ